

O LUGAR DO LEITOR CULTURAL

Prof. Dr. Carlos Magno Gomes (UFS)

RESUMO: Este artigo apresenta algumas reflexões acerca do leitor cultural, que ganhou visibilidade a partir das contribuições dos estudos culturais e feministas. Defende-se o lugar desse leitor como um espaço de produção de significados politizados. O leitor cultural leva em conta o contexto de produção literário e de sua recepção atual. Assim, propomos a leitura interdisciplinar como indispensável para a formação do leitor cultural, pois ela explora relações interculturais entre texto e sociedade. Além da recepção crítica, partimos da exploração da paródia como um roteiro de leitura, uma vez que ela pode ser usada para o reconhecimento das opções estéticas como parte dos conflitos sociais. Por ser dual, a paródia traz um diálogo com o passado e uma preocupação com a forma de construção do texto. Nessa perspectiva, a leitura cultural exige um movimento para fora e para dentro do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor cultural, paródia, estudos culturais, interculturalidade.

ABSTRACT: This article presents some reflections on the cultural reader, highlighting the cultural visibility, which was gained due to the contributions of the cultural and feminist studies. The place of this reader is defended as a production space of politicized meanings. The cultural reader takes into account the context of literary production and its actual reception. Based on this scenery, we propose the interdisciplinary reading as being essential to the cultural reader development, considering that it explores intercultural relations between text and society. Besides the critical reception, we take the parody exploration as a reading script, since it can be used for the recognition of aesthetic options as part of social conflicts. As a consequence of its duality, the parody dialogues with the past and shows a concern for the text construction form. From this perspective, the cultural reading requires a movement towards the outer and inner space of the text.

KEYWORDS: Cultural reader, parody, cultural studies, intercultural.

Os estudos culturais têm balançado as práticas tradicionais do ensino de literatura. Para alguns críticos, isso está empobrecendo o debate em torno da especificidade do texto literário. Para outros, essa abertura do texto literário para o espaço cultural tem sido enriquecedora para os estudos sobre leitura. Além dessa problemática, o espaço do texto literário está diminuindo na escola e na vida social pela força das novas mídias entre os jovens. Tentando buscar novas saídas para o sequestro do texto literário da sala de aula, este trabalho traz algumas reflexões de como os estudos culturalistas podem ser usados para uma reatualização dos sentidos do texto literário, proporcionando uma prática de ensino politizada e mais adequada aos novos desafios da educação no Brasil.

Vale destacar que não há um consenso de qual o melhor caminho para a formação do leitor politizado. Para muitos professores tradicionais, os estudos literários são intocáveis, devem permanecer na esfera do espaço literário e, como tal, devemos fazer reverências eternas. Para outros, o texto literário é uma manifestação cultural e, como tal, traduz as problemáticas sociais. Por exemplo, Tzvetan Todorov, revendo sua posição imanente do texto literário, na obra *A literatura em perigo*, argumenta que a capacidade estética deve ser desenvolvida para formar um leitor preocupado em articular o dentro e o fora do texto em oposição às “construções abstratas” da crítica literária (2009, p. 28). Stuart Hall, falando de dentro dos estudos culturais, defende que, ao decodificar uma mensagem, o leitor deve destotalizar os textos para retomá-los “dentro de um referencial alternativo” (2003, p. 402). Para ele, essa é uma forma de leitura “globalmente contrária”. Assim, temos duas posturas que dialogam quando investem na contextualização da leitura a partir de um referencial social.

Partindo dessa constatação, este artigo traz algumas reflexões sobre um método interdisciplinar de leitura literária a partir das contribuições dos estudos culturais e dos estudos de gênero para uma leitura politizada. Dos estudos culturais, exploramos o conceito de identidade, proposto por Stuart Hall (2000), e de recepção feminista, argumentada por Nelly Richard (2002). Dos estudos literários, exploramos o conceito de paródia, de Linda Hutcheon (1989). Assim, trazemos algumas reflexões teóricas sobre leitor, paródia e estudos de gênero como formas de questionamento dos tradicionais métodos de leitura.

Opondo-se às leituras tradicionais, propomos uma prática interdisciplinar de leitura em que a interculturalidade não pode ficar de lado das interpretações contemporâneas. Assim, o propósito é mostrar o quanto a leitura literária pode se tornar uma leitura social quando explora os elementos estéticos e culturais de forma politizada. Sem essa afinidade entre forma e conteúdo, como nos ensina a boa tradição de Antonio Candido, a leitura corre o risco de se aprisionar a um dos dois campos específicos: de um lado, os literários voltados para a coleção de textos e, do outro, os culturais que perdem contato com o texto literário para privilegiar os produtos da cultura de massa.

Para romper com essa dicotomia, defendemos a leitura interdisciplinar como uma saída. O “como” o texto foi feito passa a ser lido como um elemento cultural e parte da reflexão social. Dessa forma, A tradução da cultura pode ser vista como uma das tarefas

do leitor cultural, visto que a leitura requer sempre uma tradução, um descentramento do leitor. Isso porque traduzir é deslocante e traiçoeiro, uma vez que a essência do original não é reforçada, e sim simulada, reproduzida, transferida, transformada, ou tornada um simulacro. Nunca o original se conclui ou se completa em si mesmo (BHABHA, 1998, p. 36).

Nessa perspectiva, a leitura se torna eficiente quando acrescentamos aos elementos estéticos o debate de uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade cultural (HALL, 1999). Daí a importância da memória cultural como um elemento fundamental no processo de leitura e de revisão das identidades sociais. Buscando novos sentidos para o texto, o leitor passa a ser um co-autor quando aplica às representações literárias as novas abordagens de pertencimento das identidades a partir de seu caráter fluido e flexível, como defendem Bauman (2005) e Hall (1999).

Partindo dos estudos culturais, damos destaque ao papel do leitor, pois pensamos em desenvolver uma discussão em torno da leitura como um processo de formação da cidadania, incluindo as novas abordagens culturais, sem perder as especificidades do texto literário, visto que, na leitura cultural, “há uma necessidade de uma noção política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, múltiplas e *potencialmente antagônicas*” (BHABHA, 1998, p. 35). Portanto, ideologicamente, ressaltamos a importância dos aspectos sociais do texto literário.

Em busca de uma ferramenta que explore também as especificidades dos textos literários, acrescentamos a leitura paródica, como uma prática provocativa de análise de textos. Nesta proposta, a intertextualidade se mostra um recurso indispensável para a formação do leitor crítico, pois o diálogo e a oposição entre textos literários e culturais devem ser levados em conta na instauração de sentidos que a leitura produz. Mesmo sem ser guiado pelo princípio da originalidade, o texto paródico traz uma atualização do tema como uma revisão cultural e expõe sua condição híbrida, pois “nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude” (BHABHA, 1998, p. 36).

Para uma leitura paródica, o conhecimento de textos estéticos e culturais possibilita o desenvolvimento da habilidade de contrastar do leitor. Tal foco interdisciplinar pode ser explorado pelo reconhecimento de que um texto paródico é dialógico na estrutura e no estilo (HUTCHEON, 1989, p. 93). Por isso, a versão paródica

pode ser vista como um exercício de identificação da polifonia do texto analisado. Isso possibilita um alargamento estético do que foi experimentado para a construção do texto. Esse duplo movimento de leitura amplia a capacidade do receptor de desenvolver habilidades de comparação e avaliação estética de um texto literário.

Ao identificar o status paródico de um texto, o leitor está possibilitando diversas leituras como o diálogo com outros contextos históricos. Outra marca importante do texto paródico é sua concepção opositiva. Ele se opõe a ser uma simples repetição. A paródia traz marcas de uma representação por meio do próprio jogo narrativo que desloca as coisas para fora do seu lugar certo (SANT'ANNA, 2001, p. 29). Além disso, um texto paródico é dual, pois ele tanto traz o diálogo com os outros textos literários e culturais como denuncia sua própria natureza artística (HUTCHEON, 1989, p. 40). Assim, o olhar paródico do leitor cultural deve levar em conta essas duas premissas: a consciência das fronteiras textuais e a oposição aos textos anteriores.

Além de explorar o estatuto paródico, para o sucesso de uma leitura interdisciplinar, não podemos “desconsiderar as experiências prévias e imagens de leitura e de literatura” que cada leitor carrega (LAJOLO, 2005, p. 96). Assim, a exploração do conceito da paródia proporciona um jogo entre o campo social e o artístico. Em busca de uma atividade de leitura dinâmica, a saída passa a ser uma leitura menos hermética e menos emotiva para construir uma “prática de instauração de significados” (LAJOLO, 2005, pp. 96-7). Com isso, a leitura, vista como uma prática social, possibilita novas relações entre literatura e sociedade.

Na perspectiva dos estudos culturais, a leitura se torna eficiente quando passa a ser uma prática inclusiva e de aceitação da diferença e da diversidade nas representações cultu-rais. Nesta proposta, tanto a memória cultural como a recepção do leitor crítico são abordadas como partes do processo de leitura. O leitor passa a ser um co-autor quando aplica às representações literárias as novas abordagens de pertencimento das identidades pós-modernas. O pertencimento é um dos conceitos que perpassa as reflexões sobre identidade e inclusão, pois “a ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26).

No Brasil, nos últimos anos, temos, de um lado, análises culturalistas que deixam de explorar os aspectos estéticos do texto, do outro, uma tradição que, em vez de valorizar o texto literário, fala da crítica de determinado autor ou da história da recepção de uma obra, como acontece com a expressiva fortuna crítica de Machado de Assis. O jovem de hoje conhece mais os comentários sobre o texto do escritor carioca do que sua literatura. Todorov nos chama a atenção para a leitura em que o leitor seja um agente e não apenas um receptor da fortuna crítica. Para ele, o leitor deve trabalhar o texto por meio de diferentes abordagens, transformando os conceitos teóricos em uma “ferramenta invisível” (TODOROV, 2009, p. 41). Dessa forma, o leitor crítico não pode se restringir a receitas já prontas, pois corre o perigo de ser um mero repetidor de fórmulas.

Opondo-se a essa perspectiva, temos a recepção ativa de um texto como saída. Para nós, o leitor cultural analisa como os problemas sociais foram representados artisticamente. Assim, a leitura interdisciplinar é o exercício em que o leitor inclui questões de pertencimento identitário no roteiro de sua interpretação para identificar a camada ideológica explorada pelo autor, visto que ‘o quê’ e o ‘como’ nas representações das ‘coisas’, mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados” (SAID, 1995, p. 120).

Com a inclusão das representações culturais como eixo norteador da leitura, sabemos que a literatura pode se tornar um espaço de reflexão social, pois o leitor precisa fazer diversas inter-relações entre: o texto e a sociedade, o presente e o passado, o imaginário individual e o coletivo. Daí a importância do debate em torno de uma postura politizada por parte do leitor. Todavia, antes de ser politizado, o leitor deve ser capaz de entender as especificidades do texto literário.

Para esse tipo de leitura que prioriza a questão de “como” os elementos culturais estão representados, o conceito de leitor cultural torna-se fundamental, pois o texto necessita de uma leitura que interprete os significantes como partes de uma sociedade e relacione o texto lido a suas heranças culturais. A cultura é uma forma de representação, pois se trata de um ato de produção dos ícones e símbolos, dos mitos e metáforas por meio dos quais o homem vive sua própria cultura (BHABHA, 1996, p. 36). Tais heranças são fundamentais para que o leitor explore uma perspectiva comparativa entre

o texto lido e o passado cultural, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105).

O leitor cultural também pode analisar como as identidades estão representadas e que significados elas carregam no jogo ficcional. Assim, estamos falando de um leitor politizado, de um leitor que é consequência de uma pedagogia inclusiva. Aquele que analisa como a identidade das personagens foi representada esteticamente, levando em conta questões de gênero, de classe, de raça, ou de opção sexual. Metodologicamente, o leitor vai incluindo/excluindo posições de pertencimento identitário para chegar a um ponto de referência central do texto. Ele parte da análise do roteiro de opções estéticas para identificar a camada ideológica explorada pelo autor.

Assim, além da questão ideológica, a leitura interdisciplinar demanda um leitor atento aos artifícios do jogo narrativo para melhor desfrutar do banquete de citações culturais que todo texto literário traz. Quando o leitor vai executando sua leitura, o que está sendo lido pode ser interpretado a partir dos códigos culturais e artísticos que foram usados para a construção da narrativa. Dessa forma, a questão da identidade pode ser explorada como um jogo, visto que ela é “construída multiplamente ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2000, p. 108).

Para a sociologia atual, a identidade unificada e coerente passou a ser uma fantasia, já que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam e exigem do sujeito o confronto com a multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais pode se identificar, apesar de temporariamente (HALL, 2000, p. 108).

Nesse sentido, é indispensável reconhecer que a identidade descentrada é fruto de uma repetição, de uma performance corporal. Ela não é dada, nem brota biologicamente do ser. Pelo contrário, ela é consequência de um longo processo de identificação e de escolha que envolve rejeição e aceitação. Esse processo de “pertencimento” identitário (BAUMAN, 2005) deve ser explorado pelo leitor cultural que tanto retoma questões ideológicas do contexto original da obra como de sua recepção atual.

Assim, cabe ao leitor cultural fazer uma releitura dessas representações a partir da intersecção entre o estético e o político, uma vez que a literatura é polissêmica e nunca é simplesmente mimética e transparente. Na esteira de uma leitura interdisciplinar, fugir do binarismo tradicional é reconhecer o fato de que qualquer identidade é uma construção feita por meio das diferenças e de significações suplementares (HALL, 2000, p. 108-10). Assim, é importante reconhecer que a identidade é uma construção e um resultado de um ato de naturalização.

Esta proposta também privilegia os diversos elementos que fazem parte de uma leitura mais elaborada, visto que não só o leitor, mas também o autor e o próprio texto têm vez, pois o texto literário pode ser visto como um pacto coletivo e social. Nesse sentido, vale lembrar, o texto traz sempre as heranças de uma coletividade que está em tensão.

Por isso, não podemos acreditar na tautologia da obra aberta, nem do leitor como o novo comandante da interpretação. Ele é apenas uma das partes do processo de construção de sentidos e, como tal, tem autonomia, mas nada para além do que o texto lhe sugere. Nessa dinâmica, “participam, em papéis, e perspectivas diferentes, todos os que, em dados contextos, interagem com o texto literário” (LAJOLO, 2005, p. 92). Dessa forma, o texto literário é, antes de qualquer leitura, um espaço plural, um espaço de confronto de linguagens e de memórias.

Partindo dessas reflexões, reconhecemos a “política das identidades” (HALL, 1999) como ponto de partida para o leitor cultural que valoriza os princípios dos estudos culturais. A “política das identidades” prega o reconhecimento dos diferentes pertencimentos do sujeito moderno, seja por questões referentes ao gênero, à classe, à orientação sexual, à raça ou à etnia. Nesse sentido, a leitura interdisciplinar traz para o texto literário problemas culturais atuais, como a questão da alteridade. De quem é a voz que está narrando e que significados as opções artísticas podem ter, estética e culturalmente.

No campo metodológico, sabemos que o problema não é tão simples, pois a leitura apresenta “articulações” e “contradições” que podem ser exploradas para o aprimoramento da técnica (cf. ZILBERMAN e SILVA, 2005, p. 16). O foco interdisciplinar reconhece a multiplicidade de discursos que o texto literário apresenta.

Entender os conflitos desses discursos é o papel do leitor que usa os estudos culturais como base para suas reflexões acerca do pertencimento identitário.

Com a aplicação de conceitos referentes ao leitor e à leitura, articulamos um método de leitura que valorize a experiência do leitor como cidadão. A recepção crítica deve ser desenvolvida a partir de uma consciência crítica que reconheça as fronteiras identitárias e passe a produzir o saber de um lugar atual. Ele deve deixar para trás as velhas performances preconceituosas de identificação social para legitimar a diferença como prática de aprendizagem contínua. Assim, o lugar da leitura é um espaço para formação de cidadãos conscientes da diferença como uma possibilidade cultural de relacionamento.

Os estudos culturais nos dão base para o questionamento da identidade e, sobretudo, para incluirmos a alteridade como uma necessidade de o leitor se situar no espaço. Todo pertencimento identitário sugere uma exclusão, pois se trata de uma opção pessoal ou coletiva. O leitor precisa também estar atento ao reconhecimento das outras vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas como as negadas, e seguir a perspectiva de que a identidade está sempre em movimento (BAUMAN, 2005).

Da contribuição dos estudos feministas, interessa-nos a postura de questionamento da identidade patriarcal. Daí a importância dos estudos de gênero para os avanços teóricos em torno das identidades de gênero. Pertencer a uma identidade é tão diversificado quanto à cultura e ao contexto social nos quais os indivíduos circulam. Nesse sentido, a identidade de gênero vai além dos limites dicotômicos, pois “o gênero pode ser entendido somente através de um exame detalhado dos significados de ‘masculino’ e ‘feminino’ e das consequências de ser atribuído a um ou outro gênero dentro de práticas concretas” (FLAX, 1992, p. 230).

A crítica feminista dialoga com os principais conceitos dos estudos culturais quando se pensa em uma política de identidades. A forma como a feminista analisou e criticou o processo de naturalização por trás das normas padronizadas das identidades patriarcais foi tida como referências para o questionamento de diversas identidades marginalizadas, como as dos negros, gays, latinos, asiáticos e tantas outras, na cultura pós-moderna.

Assim, ao fazermos uma leitura interdisciplinar pelo viés dos estudos de gênero, as opções estéticas podem ser vistas como um lugar de resistência ao patriarcado. Então, dessa fronteira entre as propostas de ressignificação culturalista e do feminismo, parte-se da premissa de que as relações de gênero são construções culturais e de que “devemos ser capazes de investigar barreiras tanto sociais quanto filosóficas para a compreensão das relações de gênero” (FLAX, 1992, p. 236). Por isso, tanto o estético quanto o social devem ser colocados em tensão na leitura.

Como visto até aqui, o texto traz um projeto ideológico coletivo, seja de forma explícita, seja implícita. Na literatura contemporânea, as identidades questionadas pelas feministas, pelos gays ou pelos negros, entre tantas outras, têm dado uma nova visibilidade para esses sujeitos em busca de seu espaço social. Isso confirma a premissa de que as identidades não são fixas, elas se movimentam conforme os interesses desses grupos em diferentes contextos históricos e sociais. No processo de leitura, busca-se o além de uma posição passiva com a finalidade de incorporar uma posição inquieta e revisionária para transformar o ato de ler em um lugar de experiência e aquisição de poder (BHABHA, 1998, p. 23).

O leitor consciente dessas lutas pode desfrutar de uma ressignificação de sentidos indispensável ao crítico cultural que busca, na diferença, seu exercício de leitura. Para Bhabha, a diferença cultural “é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (BHABHA, 1998, p. 63).

Para melhor nos situarmos, a partir deste parágrafo vamos priorizar um olhar para a forma como a escritora brasileira projetou o espaço cultural da mulher na literatura brasileira contemporânea. No caso da literatura de autoria feminina, a inclusão dos temas como a indústria cultural e o mercado de trabalho, além de alargarem o espaço literário, proporcionam a implosão do texto literário.

No final do século XX, a escritora brasileira passa a exercer um papel político mais explícito, devido a exigências do momento histórico. Segundo Constância Lima Duarte (2007), nos anos setenta, a escritora aborda mais diretamente as questões políticas ao denunciar a opressão da ditadura militar. Clarice Lispector, Lygia Fagundes

Telles, Nélide Piñon e Lya Luft, se não optaram por uma estética panfletária, deixaram a resistência feminista como uma marca do romance dessa década.

Constância Duarte associa as mudanças do texto literário da escritora brasileira aos avanços sociais da mulher na sociedade industrializada. Essa abertura da literatura para internalizar problemas culturais dá uma particularidade ao romance pós-moderno, pois forma e conteúdo se renovam na tradição da escritora brasileira, que aborda “o feminino em tensão com o marco da intertextualidade cultural e não como uma dimensão que deve se manter isolada, ausente dos processos de normatização da cultura” (RICHARD, 2002, p. 136).

Nesse sentido, podemos dizer que a narrativa feminina brasileira das últimas três décadas é paródica e pós-moderna, quando brinca com o passado cultural. Isso porque a escritora brasileira passa a incorporar aspectos da arte pós-moderna, quando privilegia, entre outros recursos estéticos, a metanarratividade, a polifonia de vozes, a consciência hiperbólica e o caráter paródico (COUTINHO, 2005, pp. 171-2).

Reconhecendo que o leitor das obras femininas do final do século XX pode desfrutar de uma experiência mais ampla, defendemos a leitura politizada como um exercício crítico e plural das obras desse período. Essa produção literária valoriza a “desnaturalização” da família patriarcal, pois a escritora questiona o universo masculino a partir da paródia tanto da família como da cultura de massa. Assim, tomamos como referência dessas opções culturais *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, *As horas nuas* (1989), de Lygia Fagundes Telles, *A doce canção de Caetana* (1987), de Nélide Piñon, ou *O ponto cego* (1999), de Lya Luft. Essas obras podem ser vistas como textos paródicos por desenvolverem um ritmo estético de zombaria tanto do sistema patriarcal como da indústria cultural.

As identidades da protagonista e do narrador, e até do espaço narrado, são fundamentais para uma leitura cultural. Cabe ao leitor explorar o sentido político dessas opções a partir da resignificação cultural. Se levamos em conta que a mulher busca uma nova narrativa para si, essas obras podem ser lidas como um espaço de lutas identitárias. Para Stuart Hall, as identidades surgem da narrativização do eu e do processo de pertencimento imaginário, que negocia com nossas rotas, raízes; por isso “em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático”

(HALL, 2000, p. 109). No campo fantasístico da produção da escritora brasileira, a construção da identidade feminina testa os velhos fantasmas que assombram a mulher moderna numa proposta inovadora nos romances citados.

Nas obras citadas, a relação entre forma e conteúdo é primorosa em suas opções estéticas, pois temos mulheres que questionam a produção cultural a partir do lugar da artista. Em *A hora da estrela*, temos a escritora questionando se consegue dar voz ao outro de classe. Em *As horas nuas*, o leitor encontra uma atriz decadente preocupada, entre outras coisas, com os conflitos sociais. Em *A doce canção de Caetana*, as prostitutas buscam um espaço social de igualdade social. Já em *O ponto cego*, temos um narrador-monstro que mostra o avesso do sistema opressor patriarcal.

Essas obras nos revelam sabores culturais que só podem ser provados pelo leitor atento aos jogos textuais e ideológicos que cada obra carrega. Tais “espessuras dos signos” (ECO, 2003, p. 205) nos possibilitam um olhar para além do texto artístico, uma vez que esses signos nos remetem a uma cadeia de significados culturais mais próximos do leitor atual. Assim, explorar o sentido social da literatura passa pela valorização do lugar de fala da escritora contemporânea, “que observa e compreende o mundo em que vive antes de encarnar esse conhecimento em histórias, personagens, encenações, imagens, sons” (TODOROV, 2009, p. 91).

Nessas narrativas em que uma artista está mostrando novos ângulos sociais, cada detalhe da narrativa denuncia uma preocupação cultural da escritora brasileira. Portanto, para o leitor crítico, essa característica passa a ser lida também como um conteúdo social. Ao usar narradores ou personagens fora dos padrões, a escritora brasileira propõe uma revisão histórica. A partir de uma leitura paródica proposta pela intertextualidade dessas narrativas com a cultura brasileira, o leitor poderá explorar o texto literário como uma partitura que “reflete sobre o que se está contando e talvez convide o leitor a compartilhar de suas reflexões” (ECO, 2003, p. 199).

Justamente, a partir dessas associações, a leitura interdisciplinar pode ser melhor explorada. O que é estético passa a ser visto como social e os recursos paródicos como opções ideológicas. Confortar e comparar estética e historicamente passam a ser funções do leitor cultural. Assim, identificamos a intertextualidade como uma ferramenta de leitura. Vale lembrar que a intertextualidade pode ser vista como a retomada de um

texto e como uma prática não inocente. Isso fica mais visível por se tratar de obras em que o/a artista está contando uma história que dialoga com a cultura de sua época.

No processo de recontar, toda repetição está carregada de uma intencionalidade, que tanto pode dar continuidade, quanto ser subversiva (CARVALHAL, 2003, p. 54). Logo, a relação texto e contexto revela o quanto a literatura contemporânea pode ser vista como um objeto pós-moderno no qual sua autoconsciência, sua condição de arte dentro do arquivo, pode ser lida como um texto que tanto é histórico quanto literário (HUTCHEON, 1991, p. 165).

Por se tratar de obras de autoria feminina, o leitor pode explorar com mais intensidade as desconstruções propostas por cada obra. Com essa mobilidade, observa-se que o pertencimento identitário da mulher, nos romances citados, por ser visto como um dado que o texto recria e transforma, produzindo cortes e intervalos entre corpo, posições de gênero, traços subjetivos e figurações textuais (RICHARD, 2002, p. 161). Daí a importância de o leitor cultural levar para sua leitura a carga de subjetividade que sustenta o texto literário.

Dentro dessa perspectiva, ressaltamos o quanto a escritora brasileira se preocupa com o questionamento das normas culturais. Entre sua estética e a paródia social, há uma tênue fronteira entre cultura e literatura. Por exemplo, em *A hora da estrela*, o narrador brinca com a vida de uma pobre nordestina feia e sem escolarização que gosta do rádio e do cinema; em *As horas nuas*, uma atriz alcoólatra e decadente está presa em um quarto fechado tentando, em vão, escrever suas memórias; em *A doce canção de Caetana*, as prostitutas ficam aprisionadas em um espaço fora do campo social, após o fracasso do espetáculo que iriam encenar; e, em *O ponto cego*, a mãe foge de um filho monstruoso e de uma família deformada. A partir desse descentramento cultural que cada obra carrega, podemos afirmar que a leitura cultural politizada da escritora brasileira é viável pelo fato de que “nenhuma leitura deveria generalizar a ponto de apagar a identidade de um texto, um autor ou um movimento particular. Da mesma forma, ela deveria admitir que o que era, ou parecia ser, certo para uma determinada obra ou autor pode ter se tornado discutível” (SAID, 1995, p. 105).

Quanto à questão de gênero, partimos da ideia de que a leitura é um espaço de reflexão sobre a identidade de gênero, pois o espaço artístico pode ser analisado como

“um *locus* de reprodução de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 225). Ora, a própria maneira de essas narrativas privilegiarem questões sobre a forma como a mulher é representada não pode ficar de fora em uma leitura cultural. Assim, o leitor precisa identificar tais sutilezas da construção textual para produzir sua leitura crítica.

Vale destacar também que tais obras colocam-se na contramão de uma cultura hegemônica, pois se apropriam de elementos de diversas culturas, já que abusam do intercâmbio cultural e se distanciam da “utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (BHABHA, 1998, p. 63). As obras não privilegiam o prisma do sujeito universal, pelo contrário, defendem o lugar de fala da mulher e das fragilidades e das resistências que cercam suas representações.

Além da complexa rede de textos culturais presentes nessas obras, destacamos a importância da metanarração como uma pista do texto pós-moderno, já que o trabalho com o texto deve partir de como o gênero é trabalhado, pois a adequação do leitor depende da “inteligibilidade do material” e da “maturidade e disponibilidade do sujeito” (ZILBERMAN e SILVA, 2005, p. 113). Assim, nesta proposta, o “como” o texto foi feito é tão importante quanto a formação cultural e ideológica para uma recepção crítica.

Essa forma de recepcionar o texto literário valoriza os contextos extraliterários e pode dinamizar a interpretação do texto. Tal forma de colocar diversos contextos históricos e artísticos lado a lado não é fruto de uma simples colagem, mas sim de um processo de ressignificação dos sentidos do texto. Daí a importância das representações paródicas da artista brasileira, pois “o ‘diálogo’ entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde se inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são um local de conflito” (CARVALHAL, 2003, p. 53). Com a inclusão dos temas centrais da sociedade contemporânea, a escritora brasileira proporciona uma irreverência estética que passa a ser parte do seu estrato cultural.

Observamos que o pertencimento identitário das protagonistas dessas obras não é completo, pois parece que sempre fica faltando algo. Elas estão em busca do melhor para si, que ora encontram na família, ora encontram no trabalho. Esse pertencimento é um processo de articulação e de sobredeterminação do que há em demasia ou do que há

em muito pouco em suas identidades. Esse parâmetro é importante, pois nunca há um ajuste completo ou uma totalidade de uma identidade (cf. HALL, 2000, p. 106).

Quanto às questões de gênero, esses romances projetam-se como um espaço crítico que reconhece a identidade de “gênero, como representação e como autorrepresentação” (LAURETIS, 1994, p. 208), por isso não pode ser mais vista de forma fixa. Nesse sentido, a performance textual também apresenta uma identidade da escritora. O movimento do texto contra as fronteiras sociais nos mostra a tentativa de questionamento cultural que a escritora brasileira propõe no final do século XX. Assim, a identidade da escritora brasileira traz questões ideológicas para dentro da produção de sentidos de seu texto, assim como outras manifestações artísticas podem ser consideradas um tipo de representação de gênero que “é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Com uma leitura cultural, percebemos que a escritora se projeta fora do espaço tradicional e aponta a subjetividade da arte como um espaço de questionamento, pois no processo de leitura podemos “vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apóia” (SAID, 1995, p. 105). Assim, esta proposta de leitura interdisciplinar deixa bem mais interessante a leitura a partir do que fica nas margens do texto, pois o texto remete o leitor para fora da estrutura narrativa, para o campo social.

Com a inclusão do tema do pertencimento identitário, o leitor cultural vai aos poucos percebendo que o texto literário traz diferentes abordagens dos problemas sociais que devem ser historicamente situados, mas que, principalmente, devem ser comparados e problematizados com a situação do leitor atual. Com isso, pensamos em uma leitura que explore as contribuições dos estudos culturais e da recepção crítica para tornar o ato de ler um ato social.

Dessa forma, a contribuição teórica dos estudos culturais só pode ser melhor explorada quando contextualizada a partir das especificidades do texto literário. Além do mais, a literatura nos proporciona novas experiências que nos trazem uma dimensão mais ampla da humanidade. Para melhor entender esse processo, cabe retomar a versão

de Homi Bhabha do ato de identificação, visto que o leitor cultural é aquele que parte de um movimento de identificação para ressignificar o texto. Para Bhabha, a construção de sentido “é um processo de se identificar com e através de outro objeto, um objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (BHABHA, 1998, p. 37). Assim, o leitor cultural deve estar preparado para o processo de identificações com ideais de culturas que não são harmoniosos.

Como visto na tradição contemporânea, a análise paródica torna-se uma eficiente ferramenta para uma crítica cultural atualizada, pois o leitor pode desfrutar do movimento duplo do texto que olha para o presente, questionando o passado cultural. Com esse movimento, no modelo selecionado, identificamos uma representação da mulher feita por meio de um olhar artístico que se opõe a dogmatizar o feminino, pois expõe sempre os resíduos e as rupturas de forma suplementar (RICHARD, 2002, p. 167). Assim, o leitor cultural que busca as posições identitárias para uma revisão do passado, encontra no texto literário uma importante ferramenta de interpretação para os conflitos ideológicos da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 2003.

COUTINHO, Eduardo, F. Revisitando o pós-moderno. In GUINSBURG, J. e BARBOSA, Ana Mae (orgs.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
DUARTE, Constância Lima. Pequena história do feminismo no Brasil. In CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Ed UFS, 2007.

ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In ECO, Umberto. *Sobre literatura*. 2ª. ed. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GOMES, Carlos Magno. A identidade de gênero na ficção da escritora brasileira. In SILVA, Antonio de Pádua Dias. *Identidades de gênero: práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEPB, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Gaurdia Resende et alli. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses - O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas*. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottamn, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 2001.
TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.

RECEBIDO EM: 04 de maio de 2011
APROVADO EM: 07 de junho de 2011